

O Brasil de Bolsonaro: Psicologia das massas e fascismo

Bolsonaro's Brazil: Mass psychology and fascism

Fernando Gigante Ferraz, Yure Lima da Silva, Renata Loyola Prata, Luana Silva Teles

Resumo

O texto tem como objetivo aproximar o bolsonarismo do conceito de “massa psicológica” desenvolvida por Sigmund Freud e ampliada por Theodor Adorno. Para tanto, inicialmente estuda-se dois textos de Freud que se relacionam no tratamento do problema: *Totem e tabu* (2012 [1913]) e *Psicologia das massas e análise do eu* (2011 [1921]). Em seguida, apoiado em Adorno (2015a [1946]; 2015b [1951]), sustenta-se que as massas fascistas são compostas pelo uso da propaganda e métodos organizacionais que ativam o narcisismo e potências inconscientes, fazendo com que seus seguidores defendam interesses contrários ao próprio indivíduo e a sua classe. Na última parte do texto, na tentativa de traçar, em termos Foucaultianos (2001b[1976-1988]), uma ontologia do presente, desenvolve-se a ideia de que o movimento bolsonarista caracteriza-se como uma massa fascista, tal como foi estabelecida teoricamente nas partes anteriores.

Palavras-chave

Fascismo, bolsonarismo, psicologia das massas.

Abstract

The text aims to bring Bolsonaroism closer to the concept of “psychological mass” developed by Sigmund Freud and expanded by Theodor Adorno. To this end, we initially study two texts by Freud that are related to the treatment of the problem: Totem and taboo (2012 [1913]) and Mass psychology and analysis of the self (2011 [1921]). Then, supported by Adorno ((2015a [1946]; 2015b [1951]), it is maintained that the fascist masses are composed of the use of propaganda and organizational methods that activate narcissism and unconscious powers, causing their followers to defend interests contrary to the individual himself and his class. In the last part of the text, in an attempt to outline, in Foucauldian terms (2001b[1976-1988]), an ontology of the present, the idea is developed that the Bolsonaroist movement is characterized as a fascist mass, as was theoretically established in the previous parts.

Keywords

Fascism, Bolsonaroism, mass psychology.

Fernando Gigante Ferraz

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Doutor em Filosofia pela Université de Paris I Pantheon-Sorbonne e em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia. Pós-doutor em filosofia pela Scuola Normale Superiore de Pisa. Atualmente é professor Associado do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências - IHAC e do Programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo PPGAU da Universidade Federal da Bahia - UFBA.

fernandogferraz@gmail.com

Yure Lima da Silva

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Bacharel em Direito pela Universidade Federal da Bahia

yurelima11@gmail.com

Renata Loyola Prata

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Graduanda em Direito pela Universidade Federal da Bahia

renata.l.prata@gmail.com

Luana Silva Teles

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Graduanda em Direito pela Universidade Federal da Bahia

luarasst@gmail.com

Introdução

O texto parte da ideia de que o fascismo não é somente um fato histórico do qual se possa traçar suas condições de emergência em um dado período histórico e em um espaço geográfico (a Europa dos anos 1930). Um fato histórico que felizmente passou, foi deixado lá no passado, o qual deve ser lembrado insistentemente, mas exatamente para que não volte jamais. Não deixando de lado esse fato histórico inegável, mas olhando por outra perspectiva, o texto parte da hipótese de que o fascismo é uma estrutura pertinente ao funcionamento normal das nossas democracias liberais, não somente a sua degradação. No fundo de nossas democracias pulsa um desejo autoritário. Do mesmo modo, haveria nos sujeitos *predisposições psicossociais para o fascismo* não necessariamente conscientes. Em suma, o fascismo será examinado não simplesmente como um regime de governo, mas como uma “forma de vida”.

A partir de um recorte específico da obra de Sigmund Freud e da posterior leitura deste pela Escola de Frankfurt principalmente no nome de Theodor Adorno tentamos examinar o seguinte problema: “Qual a contribuição que a psicanálise pode oferecer para a compreensão da estrutura psicológica do fascismo e qual seu valor heurístico para a interpretação dos movimentos fascistas no Brasil pós 2013?”. Podemos perceber que a estrutura libidinal e as dinâmicas pulsionais que circulam entre os membros da massa e desses com o líder, foi o grande achado de Freud e da psicanálise, que se lê principalmente nas páginas de *Psicologia das massas e análise de eu* (1921). Achado teórico que muito inspirou Adorno e seus colegas de Berkeley na compreensão do fenômeno dos “agitadores fascistas” que eles observavam nos EUA do pós-guerra Mundial. Ao percorrer esse trajeto percebe-se a relevância assombrosa desses textos para uma interpretação psicossocial do chamado “bolsonarismo” no Brasil. O que se verá abaixo é a apresentação de alguns desses achados/conclusões, tendo como foco justamente alguns aspectos específicos do bolsonarismo, entendido aqui como movimento fascista.

1. A formação da massa psicológica segundo Freud

É sabido que Freud trouxe para o campo do pensamento muito mais do que aquilo que é objeto específico de estudo da psicanálise. *Totem e tabu* (1913) marca uma ampliação em seu estudo – que até então se mantinha no indivíduo –, tratando de estudar fenômenos de ordem social.

Nesse texto, Freud reúne alguns elementos do totemismo propondo o que poderia ser chamado de mito fundador. Isto é, um ato hipotético que é narrado tomando como referência a horda primitiva pensada por Darwin, a partir do qual Freud aponta o que seria o estado primevo da sociedade humana, ou seja, uma organização primitiva em que o pai age de forma violenta e ciumenta, restringindo a sexualidade das mulheres a ele, de modo que os filhos homens são expulsos logo que crescem.

Nessa conformação, o chefe da horda primeva possui tudo e nada escapa ao seu domínio. Ele é o modelo, o exemplo, o ideal de cada um dos filhos. E por isso também é invejado. Pela violência, o chefe da horda adquire e pelo medo, mantém. No entanto, “Certo dia, os irmãos expulsos se juntaram, abateram e devoraram o pai, assim terminando com a horda primeva. Unidos, ousaram fazer o que não seria possível individualmente.” (FREUD, 2012 [1913], p. 216).

Em que pese Freud textualmente nomear como “pai” e “filhos”, Enriquez (1990) nos diz que eles são reunidos pela sua impotência comum, pela exclusão nas decisões e pela restrição sexual. Isto é, eles se reúnem pela semelhança da sua condição e pela igualdade em seu fracasso. Nesse ponto, seguindo as palavras de Enriquez, sendo o ódio, isto que transforma os seres submissos em irmãos, é o assassinato do pai que o torna chefe da horda. E é pela refeição totêmica, isto é, devorando o corpo do pai morto que “eles realizavam a identificação com ele, e cada um apropriava-se de parte de sua força.” (FREUD, 2012 [1913], p. 217).

Para Freud, a morte do pai e a refeição totêmica são os elementos que fundam a cultura. Nenhum dos filhos pôde concretizar seu desejo original de tomar o posto do pai. Iguais em fracasso, por serem despossuídos de tudo, são agora iguais em arrependimento, pois, o pai morto “tornou-se mais forte do que havia sido vivo.” (FREUD, 2012 [1913], p. 219).

Aquilo que o pai impediu, durante sua vida, os irmãos proibiram a si mesmos. O pai morto, divinizado, ressurgiu como figura totêmica. Assim, pode-se dizer que o produto do assassinato do pai primevo é a consciência de culpa, conforme se vê adiante:

Eles revogaram seu ato, declarando ser proibido o assassinio do substituto do pai, o totem, e renunciaram à consequência dele, privando-se das mulheres então liberadas. Assim criaram, a partir da consciência de culpa do filho, os dois tabus fundamentais do totemismo, que justamente por isso tinham de concordar com os dois desejos reprimidos do complexo de Édipo. Quem infringia tornava-se culpado dos dois crimes que inquietavam a sociedade primitiva (FREUD, 2012 [1913], p. 219).

Consciência de culpa e de igualdade, proibição do assassinato do sucedâneo do pai e do incesto. Estes são os elementos do surgimento da cultura e da civilização, segundo Freud.

Para cumprir nosso objetivo, faz-se necessário tomar como ponto de partida essa concepção de cultura sugerida por Freud e nomeada “anímica”.

O animismo é tratado por Freud como um sistema de pensamento, razão pela qual sua consideração não só explica dado fenômeno particular, mas serve de instrumento para compreender o mundo de forma una. O autor enfatiza, ainda que, sob sua ótica, o mundo até então produziu três perspectivas de compreensão, sendo elas: a animista ou mitológica, a religiosa e a científica.

Se guardarmos as palavras de Freud, segundo as quais “essa primeira concepção de mundo da humanidade é uma teoria psicológica” (FREUD, 2012 [1913], p. 124) lembraremos, mais adiante, que se pode regredir a este estágio psicológico. E é exatamente nesse sentido que o autor seguirá seus estudos, mas não antes de nos deixar um enorme aviso: “Não deve ter escapado a ninguém, em primeiro lugar, que imaginamos na base de tudo uma psique das massas, em que os processos psíquicos ocorrem tal como na vida psíquica individual.” (FREUD, 2012 [1913], p. 239).

A questão afetiva exposta na análise da horda primitiva de 1913, ou seja, que aquele ato fundador que é o assassinato do pai ainda constitui

nosso inconsciente será mantido por Freud no seu texto de 1921. Conforme as últimas linhas de *Totem e Tabu*:

Sem a hipótese de uma psique das massas, de uma continuidade na vida afetiva dos seres humanos que permita negligenciar as interrupções dos atos psíquicos causadas pelo passamento dos indivíduos, não poderia haver psicologia dos povos (FREUD, 2012 [1913], p. 240).

Se em *Totem e Tabu* podemos verificar a mudança no escopo do trabalho de Freud, em 1921, com a publicação de *Psicologia das massas e análise do eu*, essa mudança se consolida. E isso nos interessa no ponto em que o cerne dos problemas ali discutidos gira em torno das massas. Mais propriamente a caracterização do que é uma massa, como ela é constituída e o que é necessário para seu funcionamento. Dessa forma:

Enquanto em *Totem e tabu* Freud derivou o nascimento do grupo [massa] da recusa de amor do chefe, que impõe aos filhos o comportamento de conspiradores e assassinos, em *Psicologia das massas* Freud concebe o nascimento do grupo [massa] a partir de um ato de amor espontâneo por parte do personagem central (ENRIQUEZ, 1990, p. 61).

Com a análise desse texto podemos fazer avançar nosso argumento que, até aqui, restringiu-se a demonstrar como a ilustração do pai da horda primeva é importante para o exame da psique das massas, como objeto de análise de um grupo. Agora, ao analisarmos a estrutura da massa, poderemos compreender seu funcionamento, esclarecendo sua importância heurística neste trabalho.

Para os nossos interesses são dois os grandes marcos dessa obra: as noções de identificação e de substituição ou colocação do objeto no lugar do Ideal do Eu. Diz Freud: “Reconhecemos que a nossa contribuição para o esclarecimento da estrutura libidinal de um grupo remonta à diferenciação entre Eu e ideal do Eu, e ao duplo tipo de ligação por ela possibilitada — identificação e colocação do objeto no lugar do ideal do Eu” (FREUD, 2011 [1921], p. 93). No primeiro caso, o objeto de amor é reconhecido como passível de se estabelecer uma relação de reciprocidade na qual o objeto é admirado, mas não idealizado. Possibilitando assim um “amor verdadeiro” ou “amor partilhado”. Já no segundo caso (que é o caso da relação líder-seguidor):

[...] se prestarmos atenção, ficaremos surpresos pelo processo de idealização pelo qual passa esse objeto, que progressivamente vai sendo subtraído de toda a crítica, tornando-se cada vez mais sublime e precioso, até obter finalmente a posse de todo auto amor do eu e que progressivamente por assim dizer, consumiu o eu. Logo, é preciso distinguir entre o amor partilhado, que se faz sempre acompanhar de uma diminuição da idealização, e o fascínio amoroso, onde, ao contrário, o objeto toma o lugar do que constituía o ideal do ego (ENRIQUEZ 1990, p. 68).

Assim, se faz necessário estabelecer a distinção entre amor partilhado e fascínio amoroso. No primeiro caso, observa-se uma diminuição da idealização, ao passo que no segundo, um objeto idealizado (o líder) se coloca no lugar do Ideal do Eu.

Esboça-se aí a distinção entre *identificação* e *substituição*. Existe uma (ou muitas) identificação quando o objeto (desaparecido ou se mantendo) se torna parte integrante do eu; por outro lado, trata-se de uma substituição quando o objeto é posto no lugar do que constitui o ideal do eu” (ENRIQUEZ, 1990, p. 68, trad. mod.).

Então teríamos dois mecanismos fundamentais para a constituição da massa: além das ligações libidinais que os indivíduos partilham em comum (identificação), existiria a fundamental relação com o líder (substituição). A identificação ocorrerá entre os indivíduos da massa que, ao partilharem seus ideais em comum, produzem e mantêm seus laços libidinais. E, tal qual ocorria na horda, os indivíduos pertencentes à massa elegem o líder, cada um, seu próprio Ideal do Eu, isto é, o líder toma o lugar do Ideal do Eu.

A renúncia ao seu ideal do eu e a troca pelo ideal do eu da massa, corporificado no líder, pode ocorrer de forma diferente entre os indivíduos. “[...] em muitos indivíduos a separação entre Eu e ideal do Eu não progrediu bastante, os dois ainda coincidem facilmente, o Eu conserva amiúde a anterior autocomplacência narcísica.” (FREUD, 2011 [1921], p. 93). Nesses casos o indivíduo fica mais suscetível à idealização do líder tornando-se um seguidor mais inflexível. Em outros indivíduos em que a corporificação do Ideal do Eu no ideal da massa não ocorreu “sem correções na sua pessoa, veem-se então arrebatados “sugestivamente”, isto é, por identificação.” (FREUD, 2011 [1921], p. 93)

Um dos interlocutores privilegiados de Freud em *Psicologia das Massas e análise do eu* é Gustave Le Bon, seguindo-o Freud escreve que “pelo simples fato de pertencer a uma massa, o homem desce vários degraus na escala na civilização” (FREUD, 2011 [1921], p. 25), e que por haver essa regressão, há certa “diminuição da capacidade intelectual, experimentada pelo indivíduo que se dissolve na massa”. (FREUD, 2011 [1921], p. 25)

Constata-se, portanto, que o indivíduo na massa abdica de suas qualidades intelectuais, tornando-se mais suscetível aos estímulos que ocorrem naquele grupo. Isso se deve por algumas razões, mas o que precisamos manter em vista agora é que:

A massa é extraordinariamente influenciável e crédula, é acrítica, o improvável não existe para ela. Pensa em imagens que evocam umas às outras associativamente, como no indivíduo em estado de livre devaneio, e que não têm sua coincidência com a realidade medida por uma instância razoável. Os sentimentos da massa são sempre muito simples e muito exaltados. Ela não conhece dúvida nem incerteza (FREUD, 2011 [1921], p. 25-6).

Portanto, é pela partilha de algo em comum que os sujeitos se agrupam, formando uma massa. Aqui podemos verificar que os filhos, quando decidem se juntar e matar o pai, formam uma massa ao compartilhar sua condição de igualdade de posição na horda e por partilharem do mesmo desejo, combinando suas próprias ambições. Esse desejo partilhado em comum se dá através da identificação entre os indivíduos, provocando uma união por meio de laços libidinais. Mas o que é imperioso relembrar neste ponto é o fator da regressão.

A regressão aqui mencionada, que até então era relacionada ao animismo, pode ser também ligada ao narcisismo. Para elucidar este ponto, precisamos nos lembrar do que dissemos das duas instâncias psíquicas: Eu e Ideal do eu. O Ideal do eu “aparece como uma formação autônoma,

servindo de referência ao eu” (ENRIQUEZ, 1990, p. 67), enquanto o Eu é a parte externa, a que influencia e sofre influência direta do mundo externo. A ideia de narcisismo reside na pouca diferenciação entre o Eu e o Ideal do eu. Enquanto instâncias separadas, essa colocação implica em um processo de fascínio amoroso.

Com isso em mente, percebemos a estrutura da massa – de ordem libidinal – definida por Freud como um “duplo tipo de ligação”, isto é, identificação e colocação do objeto no lugar do Ideal do Eu. Isto nos permite dizer que os indivíduos cujas instâncias psíquicas do Eu e Ideal do Eu ainda coincidem facilmente, são mais suscetíveis à idealização do líder, facilitando não só o processo de fascínio amoroso, como também tornando mais difícil o processo de separação. Estes indivíduos, que ainda vivem sob o estado narcísico, estão mais propensos à adesão à massa e sofrem mais influências dela. Sendo assim, o processo de escolha do líder não se torna custoso, afinal o líder:

[...] necessita apenas possuir de modo particularmente puro e marcante os atributos típicos desses indivíduos e dar a impressão de enorme força e liberdade libidinal; então vai ao seu encontro a necessidade de um forte chefe supremo, dotando-o de um poder tal que ele normalmente não poderia reivindicar (FREUD, 2011 [1921], p. 93).

Se lembrarmos de que no mito fundador os filhos assassinaram o pai surge a óbvia indagação: como seria possível eleger o pai a uma instância tão importante como o Ideal do Eu e, mesmo assim, nutrir desejos destrutivos? Ora, para Freud, isso é parte estruturante do Complexo de Édipo, afinal “desde o início a identificação é ambivalente, pode se tornar tanto expressão de ternura como desejo de eliminação.” (FREUD, 2011 [1921], p. 61) Sendo assim, é por meio da Identificação que a massa psicológica é constituída, isto é, [...] a ligação recíproca dos indivíduos da massa é da natureza dessa identificação através de algo afetivo importante em comum, e podemos conjecturar que esse algo em comum esteja no tipo de ligação com o líder (FREUD, 2011 [1921], p. 65).

O líder, por sua vez, precisa estar fascinado de uma forte ideia, sua vontade precisa ser imponente. Ele é narcisista e

Seus atos intelectuais eram fortes e independentes mesmo no isolamento, sua vontade não carecia do reforço dos demais. Supomos, conseqüentemente, que seu Eu tinha poucos laços libidinais, ele não amava ninguém exceto a si mesmo, ou amava outros apenas enquanto satisfaziam as necessidades dele. Seu Eu não dava nenhuma sobra para os objetos (FREUD, 2011 [1921], p. 86).

Não nos assusta o fato do líder ser de natureza senhorial e da massa ter “sede de submissão”. Afinal, são esses traços indelévels do totemismo. Não por acaso, também, Freud nos diz:

A massa nos parece, desse modo, uma revivescência da horda primeva. Assim como o homem primevo se acha virtualmente conservado em cada indivíduo, assim também pode ser restabelecida a horda primeva a partir de um ajuntamento humano qualquer; na medida em que os homens são habitualmente governados pela formação de massa, reconhecemos nesta a continuação da horda primeva (FREUD, 2011 [1921], p. 85).

A massa é, portanto, um ajuntamento de indivíduos que aponta para um estado de regressão anímica, regidos pela figura forte e imponente do líder, mas que diferente do pai da horda primeva é amoroso, ainda que o seja de forma ilusória. A massa compartilha ideais em conjunto e encontram no líder seu objeto de fascinação amorosa. Na massa, os indivíduos se tornam suscetíveis a proposições que, fora dela, não aceitariam. O líder da massa ocupa a instância psíquica do Ideal do Eu e, por isso, não só goza de isenção de crítica, mas também “é amado pelas perfeições a que o indivíduo aspirou para o próprio Eu, e que através desse rodeio procura obter, para satisfação de seu narcisismo” (FREUD 2011 [1921], p. 71).

Com essas palavras sobre o mecanismo de identificação, podemos avançar em nossa análise, destacando a importância da continuidade do argumento freudiano, suscitado em *Totem e Tabu* e em *Psicologia das massas e análise do eu*. O que se verá abaixo é como Adorno interpreta e instrumentaliza essas ideias em suas pesquisas sobre os agitadores fascistas dos EUA dos anos 1950 culminando na obra *Estudos sobre a personalidade autoritária* (2019).

2. A Massa Fascista segundo Adorno

Como vimos acima, Freud constata a suscetibilidade humana, derivada da horda primeva, de se agrupar em massas. Também sensível a esta condição inerente da humanidade edipiana, Theodor W. Adorno constata que, na segunda metade do século XX, ocorre o progressivo enfraquecimento do indivíduo e submissão a instâncias coletivas externas (KURTZ DE SOUZA, 2017). A repetição deste padrão de comportamento massificado então poderia suscitar variações deste último. Como leitor de Freud, Adorno indaga se seria possível considerar as massas como gênero e logo, se haveriam espécies de massas com determinadas qualidades específicas. Para sugerir respostas a este questionamento, Adorno associa concepções marxianas e marxistas às de Freud e observa os grupos antissemitas estadunidenses e o Terceiro Reich. Com isso, o filósofo demonstra que o fascismo fabrica uma espécie de massa que leva seus seguidores a defenderem pautas contrárias aos seus interesses materiais de classe.

Enquanto certamente existe suscetibilidade potencial para o fascismo entre as massas, é igualmente certo que a manipulação do inconsciente, o tipo de sugestão explicada por Freud, é indispensável para a atualização de seu potencial [...] Disposições psicológicas [...] não causam o fascismo; em vez disso, o fascismo define uma área psicológica que pode ser explorada de forma bem-sucedida pelas forças que o promovem por razões de interesse próprio completamente não psicológicas (ADORNO, 2015b [1951], p. 185-6).

Sendo insustentável então amparar-se em argumentos racionais, é absolutamente indispensável à massa fascista, distintamente de outras massas, que sejam intensamente utilizados mecanismos que mobilizem o inconsciente.

É este o cerne do movimento de massa fascista, antidemocrática em seus meios e objetivos (ADORNO, 2015b [1951], p. 154). Contudo, esta também pode ser identificada a partir de seus elementos superficiais,

embora estes últimos definitivamente não esgotem as características dessa espécie de massa. Adorno observa que estes movimentos apresentam “plataformas confusas e vagas” (ADORNO, 2015a [1946], p. 138) e inexistem “um programa positivo” ou “qualquer coisa que eles pudessem ‘dar’” (ADORNO, 2015b [1951], p. 171). Neste sentido, distintamente do que acontece em outras massas políticas, as ações ordenadas pelo líder agitador da massa fascista não são voltadas à construção efetiva de uma nova sociedade. Diversamente, o regozijo da massa deriva da veneração do que está posto, dos costumes. As massas fascistas alegam que promovem um “renascimento” dos valores tradicionais que estariam sendo supostamente destruídos pelo progresso. Estes movimentos reacionários (ADORNO, 2015a [1946], p. 139-140), identificam-se com o já existente (ADORNO, 2015b [1951], p. 184-5). “Não há um objetivo claro, um projeto, um ponto a ser alcançado – mas esse ponto é preenchido pela fantasia, seja pelos nossos pesadelos, ou pelos delírios perversos deles” (CATALANI, 2018, sp).

Por exemplo, a família tradicional, ainda amplamente tida como modelo ideal de formação social, estaria sob ameaça, devido ao seu relativo questionamento propiciado pela popularização do divórcio, a emergência dos métodos contraceptivos, o ingresso das mulheres no mercado de trabalho remunerado, a defesa da liberação sexual e o combate à violência de gênero. Ainda, os privilégios de raça são abalados pelas conquistas de movimentos antirracistas. Incomodados com estas reivindicações de direitos por grupos explorados e ações afirmativas (“escolas”), e apesar de estar claro que os dados da materialidade são insuficientes para sustentar a tese de que haveria uma censura do conservadorismo em curso, ou uma “ditadura do politicamente correto”, a massa fascista cria seus oponentes (ADORNO, 2015b [1951], p. 155). Atacam-se fantasmas [*bogies*] (ADORNO, 2015a [1946], p. 143).

Ainda na superfície da massa fascista, identifica-se a imprecisão no discurso. É esta ambiguidade que permite a irrestrição de ações, dotando o grupo de flexibilidade para adaptar-se à conjuntura e agir da forma que for necessária à sua manutenção.

[...] em relação às medidas repressivas e de terror, o fascismo habitualmente vai além do que é anunciado. Totalitarismo significa desconhecer limites, não permitir nenhuma pausa para fôlego, conquistar impondo dominação absoluta, exterminar completamente o inimigo escolhido. Diante desse significado do “dinamismo” fascista, qualquer programa claramente delineado funcionaria como uma limitação, uma espécie de garantia dada até mesmo ao adversário. É essencial à regra totalitária que nada seja garantido, que nenhum limite seja imposto à arbitrariedade impiedosa (ADORNO, 2015a [1946], p. 141).

Por último, constata-se nesses agrupamentos a tendência à superorganização. Neste sentido, ocupa-se o tempo dos agitadores, o líder bem como os seguidores, com o aperfeiçoamento dessa organização como um fim em si mesmo. A organização não é destinada a um objetivo; a própria organização já é entendida como uma vitória (ADORNO, 2015b [1951], p. 163).

Estas fragilidades à sustentação racional da massa fascista não são despercebidas pelos seguidores. Em verdade, Adorno identifica descrença, da parte destes últimos, nas próprias afirmações fascistas (ADORNO, 2015b [1951], p. 183 e 188). Esta paradoxal ridicularização do chefe de Estado,

prática que seria a princípio incompatível a ser dirigida a esta figura, remonta inclusive ao ubuesco (ou grotesco). O grotesco de alguém como Mussolini estava absolutamente inscrito na mecânica do poder [...] Mostrando explicitamente o poder como [...] ridículo [...] se trata [...] de manifestar da forma mais patente a incontornabilidade, a inevitabilidade do poder [...] (FOUCAULT, 2001a [1974-1975], p. 12-3). Embora as motivações inconscientes a integrarem a massa não sejam acessadas pelos seguidores, sua incredulidade com relação ao discurso fascista indica que não é este último o principal responsável pela adesão dos seguidores.

Para que sujeitos que não são beneficiados pelo fascismo integrem a massa, “mecanismos inconscientes” que se refiram a inclinações primitivas precisam ser ativados (ADORNO, 2015a [1946], p. 138). Por meio de rituais (ADORNO, 2015a [1946], p. 146) e performance (ADORNO, 2015b [1951], p.188), estes mecanismos funcionam com base na relação libidinal de gratificação e identificação entre os seguidores e o líder (ADORNO, 2015a [1946], p. 144-6). É fundamental à identificação que este último se apresente e seja apresentado como um “pequeno grande homem” (ADORNO, 2015a [1946], p. 138-9) e (ADORNO, 2015b [1951], p. 171-2). Os seguidores

[...] padecem do conflito moderno e característico entre uma instância do eu racional e autopreservadora fortemente desenvolvida e o fracasso contínuo em satisfazer as demandas de seu próprio eu. Esse conflito resulta em impulsos narcisistas fortes, que só podem ser absorvidos e satisfeitos pela idealização entendida como transferência parcial da libido narcisista para o objeto. Isso, por sua vez, corresponde à semelhança da imagem do líder com uma ampliação do sujeito: ao fazer do líder seu ideal, o sujeito ama a si mesmo, por assim dizer, mas se livra das manchas de frustração e descontentamento que estragam a imagem que tem de seu próprio eu empírico (ADORNO, [1951]2015b, p. 169).

Em outros termos, o líder é suficientemente semelhante ao homem médio para que este possa se enxergar nele, entretanto também é revestido de suntuoso poder, assim podendo realizar desejos livremente, conduta inconcebível para e admirada por seus seguidores (ADORNO, 1946, p. 140-1) e (ADORNO, 191, p. 161). Ou seja, a performance do “pequeno grande homem” ativa instintos narcísicos dos seguidores.

Também é elemento importante neste processo a repetição nas propagandas e pronunciamentos fascistas, desdobrada no reforço de estereótipos (ADORNO, 2015a [1946], p. 147). Evidentemente, o alvo destes últimos são notadamente as minorias que estariam ameaçando o *status quo* (ADORNO, 2015a [1946], p. 149 e 185). Esta ameaça frequentemente é associada à realização de prazeres proibidos, conforme lembra Catalani (2018), leitor de Adorno. Imagens repetitivas, como a do judeu avaro representados imagetivamente como parasitas, acopladas à repetição de frases de comando, *slogans*, remontam à repetição como desejo infantil, por isso a potência de seu uso (ADORNO, 2015b [1951], p. 179, 182 e 184). Estas mensagens, a partir da segunda metade do século XX, com a formal rejeição ao nazismo, passaram a ser emitidas por insinuação. O entendimento da parte dos seguidores do que é dito de maneira decifrada pelo líder, contribui ao laço libidinal entre eles. É gratificante aos seguidores se sentirem capazes de compreender as afirmações do líder sem que ele precise ser categórico (ADORNO, 2015a [1946], p. 149-50).

O fascismo transpõe funções tradicionalmente cristãs ao funcionamento de sua massa, assim ativando noções já intimamente conhecidas pelos seguidores (ADORNO, 2015a [1946], p. 148-9) e (ADORNO, 2015b [1951], p. 175). Por exemplo, tomando como referência o sacrifício de Cristo para perdoar a humanidade pecadora, acredita-se que somente o derramamento real de sangue salvará as almas (ADORNO, 2015a [1946], p. 151). Sendo o pequeno-grande homem, assim como os seguidores, o líder também almeja a redenção (CORREIA, 2017, p. 109). É empossado o líder como mensageiro do messias e a virtude do seguidor consiste na obediência àquele. Esta última é reconhecida por reforços, gratificações previamente não recebidas por estes sujeitos, antes socialmente excluídos. Estes incentivos são organizados nas estruturas institucionais que são reflexo inclusive das instituições religiosas.

Como nas religiões cristãs, nas instituições regidas por fascistas é indispensável o elemento hierárquico. Há então divisões internas, com posições de maior e menor prestígio e poder de comando; e a separação entre os agitadores e os não-pertencentes à massa, o *out-group*. Por meio de repetições e estereótipos, o grupo externo é racializado (ADORNO, 2015b [1951], p. 176). São tidas como referência vagas características fenotípicas e/ou costumes para identificar estes sujeitos. Estes são alvo de sadismo da parte dos fascistas. A contrapartida é o sentimento de superioridade dos pertencentes ao *in-group* (ADORNO, 2015b [1951], p. 177). Contudo, o sadismo não se restringe ao *out-group*. Distintamente, é essencial que ele também seja amplamente praticado internamente. Há prazer em violentar quem não integra a massa; e os hierarquicamente superiores no interior da massa violentam os inferiores. Estes últimos além de sádicos, também são masoquistas, assim sendo estabelecida uma sólida relação de troca (ADORNO, 2015b [1951], p. 173-4 e 176-7). Lembra Adorno a memorável fórmula nazista: “responsabilidade para com os de cima, autoridade para com os de baixo” (ADORNO, 2015b [1951], p. 173). Ressoa o desejo primevo de auto aniquilação, instinto inconsciente primordial à massa fascista (ADORNO, 2015a [1946], p. 152).

Nos estratos hierarquicamente equivalentes das massas, esta violência é suspensa pelo estabelecimento de vínculos libidinais de identificação ou sugestão. Nesse sentido, cada seguidor é associado libidinalmente ao líder e esta semelhança também estabelece vínculos entre os próprios seguidores. O líder então institui um “igualitarismo repressivo” (ADORNO, 2015b [1951], p. 178). Em outros termos, o líder subjuga os seguidores não a uma igualdade libertadora, mas à coincidência de serem todos obedientes acriticamente.

A submissão dos seguidores à liderança fascista é realizada com a identificação e a substituição, a operação de mecanismos inconscientes de natureza libidinal e que, sobretudo, ativam o narcisismo. A identidade da massa é personificada no líder, a figura ideal, e o diferente é rejeitado, configurando um empobrecimento da experiência humana. Os de fora são perseguidos, porém os de dentro não escapam da violência, também sendo brutalizados pelos hierarquicamente superiores dentro da massa. As repetições em propagandas satisfazem um desejo infantil e as insinuações contidas nelas gratificam os seguidores narcisicamente. Sobretudo, ao defender estereótipos, os pronunciamentos e propagandas fascistas são de conteúdo, diversas vezes falacioso, característica que suplanta a falta de substância da ideologia fascista que simplesmente venera o existente e contraria os interesses de classe da massa, ao invés de defender um projeto de mudanças. Como sugerido acima, é esta imprecisão que dota o

movimento fascista de irrestrição de ações, podendo se opor à democracia por qualquer meio necessário.

3. O cenário político brasileiro contemporâneo à luz da psicologia das massas freudo-adorniana

Compreendendo os mecanismos inconscientes atuantes na massa, bem como a necessidade de utilização de tais mecanismos pela propaganda fascista para conquistar adeptos, faz-se pertinente evidenciar, mesmo que de maneira provisória, o cenário político brasileiro contemporâneo à luz dos estudos freudianos e das críticas elaboradas por Theodor Adorno, buscando mostrar o cenário em questão como solo fértil à ideologia fascista.

Como sabemos, o início da ascensão de Jair Messias Bolsonaro rumo à presidência da República, ocorreu principalmente durante as manifestações que culminaram no impeachment de Dilma Rousseff. O militar reformado se apresentou, então, como porta voz das mais variadas insatisfações da população brasileira, conquistando apelo das massas ao se apresentar como um homem comum, contra todas as formas de corrupção (referido como o inimigo principal a ser combatido durante o auge da denominada operação Lava Jato). Não se deve negligenciar o apoio que obteve das igrejas neopentecostais, fator de grande importância para a sua campanha política e consequente eleição.

Sua proposta de governo, de escasso conteúdo político propriamente dito, trazia em suas linhas de ação referências vagas como “enfrentar o crime e combater a corrupção” ou “oportunidades para todos”^[1]. Suas frequentes ausências nos programas de debate durante o período eleitoral, evidenciam que a falta de conteúdo político não foi fator impeditivo para que Jair Bolsonaro fosse eleito presidente, com 55,13% dos votos válidos no segundo turno das eleições nacionais de 2018.

Já durante seu governo, referências racistas, machistas, homofóbicas e classistas são frequentemente proferidas pelo presidente e repercutidas pelos seus seguidores, entreando a atmosfera de intolerância instaurada na sociedade brasileira. Tais referências antidemocráticas, incitações ao ódio e censuras à mídia ressaltam a proximidade da realidade fática brasileira do ideário fascista, fazendo-se relevante uma análise do cenário político contemporâneo, sob a ótica dos estudos realizados por Freud e Adorno, indicados acima. É o que se tentará traçar nas linhas seguintes mesmo que de forma provisória consoante às dificuldades inerentes enfrentadas pelo analista que se presta a observar sua atualidade.

Damos por evidente as radicais diferenças das condições políticas, econômicas e sociais que possibilitaram o fascismo histórico da Europa da primeira metade do século XX e as condições de possibilidade da emergência dos governos atuais de extrema direita no Brasil (Bolsonaro), Índia (Modi) e Filipinas (Duterte) para ficarmos nos países do Sul, mais próximos da realidade brasileira. Apesar dessa evidência, sustentamos que as características fundamentais da massa psicológica estudadas por Freud permanecem se não intactas ao menos semelhantes e prevalecem nestes dois momentos históricos distintos.

Para tanto convém de início abordar uma das características principais da massa segundo Freud e Adorno, a diminuição da capacidade crítica e

1

Proposta de Governo de Jair Bolsonaro apresentada enquanto candidato, intitulada “O caminho da prosperidade”, Disponível em: https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517/proposta_1534284632231.pdf

Acesso em 21/06/2021.

cognitiva. Como escreveu Freud na esteira de Le Bon “A massa é extraordinariamente influenciável e crédula, é acrítica, o improvável não existe para ela” (FREUD, 2011 [1921], p. 25). Na massa fascista brasileira, mostra-se evidente a crença no irreal, no “absurdo”, influenciados pela disseminação de notícias falsas não apenas no período eleitoral, talvez até de forma intensificada durante os três anos de governo. Como sabemos, as redes sociais possuem fundamental importância nesse problema.

No caso da propaganda nazista, é característica a presença de narrativas falaciosas em torno da figura do líder, assim como na luta contra as minorias, os inimigos a serem combatidos pelos membros da massa. No modelo de propaganda nazista, eram frequentes a disseminação de mitos referentes à superioridade da raça ariana, em relação aos judeus, cristãos, deficientes físicos, comunistas, homossexuais, dentre outros grupos. Tais mitos são fundamentais para a união da massa fascista, bem como para a conquista de adeptos, frequentemente aliados ao ódio para com os *out-group* (ADORNO, 2015b [1951], p. 177). Seguindo a mesma tendência referente à ideologia fascista, o movimento bolsonarista se utiliza com frequência do ataque aos de fora do grupo, muitas vezes baseando-se em construções de narrativas irreais, com a tentativa de inserir os indivíduos não pertencentes à massa numa caracterização maliciosamente repulsiva. A disseminação de narrativas fantasiosas, incluindo a vinculação da imagem do Partido dos Trabalhadores, principal oposição a Jair Bolsonaro durante o pleito presidencial, à suposta legalização da pedofilia^[2] tiveram grande influência não apenas na união da massa em torno de um inimigo a ser combatido, como também na conquista eleitoral do atual presidente.

Um estudo feito pela rede de ativismo virtual *Avaaz*, e disponibilizado no portal digital da “Folha de São Paulo”, com veiculação a partir do dia 02 de novembro de 2018, constatou que 98,21% dos eleitores de Jair Bolsonaro foram expostos a notícias falsas. Dentre os expostos, 89,77% confiaram que tais apontamentos eram verídicos. Notícias extremamente fantasiosas, como a implementação nas escolas de um conjunto de materiais voltado para a “ideologia de gênero”, denominado *kit gay*, tiveram grande alcance durante o período eleitoral e foram aceitas pela maioria dos eleitores do atual presidente. Como diz Freud, “Os sentimentos da massa são sempre muito simples e muito exaltados. Ela não conhece dúvida nem incerteza” (FREUD, 2011 [1921], p. 26).

À credulidade das massas fascistas acrescenta-se seu temperamento impulsivo e sua propensão à violência. Assim, tal como os ataques à população judaica no período em que vigorou o nazismo histórico, as manifestações de violência contra os *out-group* na massa fascista brasileira são frequentes, não apenas proferidas pelo líder, como reproduzidas pelos seus seguidores. Essas manifestações de violência contra as minorias – entendidas aqui não em termos numéricos, mas em termos de influência política – não são recentes no Brasil, um país em que a escravidão e o autoritarismo deixaram marcas indeléveis, mas pode-se afirmar que com a chegada ao poder da extrema direita essas características foram intensificadas no país. Indígenas, negros, mulheres, homossexuais, pobres das periferias, são objeto de violências extremas e frequentes, exaltadas muitas vezes pelo líder e pelos seguidores da massa. Esses ataques são tanto mais violentos quanto se utilizam do anonimato e da sensação de impunidade conferidos pela utilização das redes sociais para proferir discursos de ódio contra todos os que não pertencem à massa bolsonarista.

2

Foi vinculado nas redes sociais, durante o período eleitoral de 2018, cartaz atribuído ao candidato Fernando Haddad, principal oposição de Jair Bolsonaro, suposto projeto de lei que “tornaria a pedofilia um ato legal”. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/13/e-fake-cartaz-atribuido-a-haddad-que-diz-que-projeto-de-lei-torna-a-pedofilia-um-ato-legal.ghtml>

Acesso em 21/06/2021

Para julgar corretamente a moralidade das massas, deve-se levar em consideração que, ao se reunirem os indivíduos numa massa, todas as inibições individuais caem por terra e todos os instintos cruéis, brutais, destrutivos, que dormitam no ser humano, como vestígios dos primórdios do tempo, são despertados para a livre satisfação instintiva (FREUD, 2011 [1921], p. 27)

A partir da compreensão da mentalidade da massa, bem como dos impulsos inconscientes atuantes nos indivíduos que estejam sobre seu influxo, é possível sugerir que os interesses individuais se arrefecem na massa, o que torna o estudo de sua psicologia fundamental para aclarar a aparente contradição entre os interesses individuais e de classe da maioria dos brasileiros de um lado e o conteúdo político bolsonarista de outro.

Do evidente caráter antidemocrático do bolsonarismo, bem como de seu frequente ataque a minorias, decorre a contradição, ou ao menos a aparente contradição, entre os interesses da maioria dos indivíduos da sociedade brasileira e o apoio a Jair Bolsonaro. Entretanto, é possível compreender a supressão dos interesses individuais em torno de disposições ideologicamente contrárias aos seus interesses ao considerar o ganho narcísico decorrente da integração a uma massa que não apenas incita os mais violentos impulsos inconscientes (FREUD, 2011 [1921], p. 20-1), como também encoraja o amor para com os de dentro (*in-group*) e o ódio para com os de fora (*out-group*) (ADORNO, 2015b [1951]).

As características inconscientes das massas tornam-nas receptivas à figura do líder, desde que este corresponda às suas necessidades, seja de amor, autoridade e/ou identificação. Sendo o líder da massa um indivíduo que manifesta as mesmas características dos demais membros, com a especificidade de que com menor inibição denota-se a importância de se elucidar as características fundamentais dos líderes de massas e como Jair Bolsonaro se enquadraria na categoria de líder, tal como compreendido por Freud e de “agitador fascista”, tal como definido por Adorno.

A construção psicológica que Freud fez do líder em 1921 tem notável coincidência com o tipo fascista de líder. No entender de Adorno convém absolutamente a Hitler, que é o modelo para os agitadores fascistas americanos, objeto de sua pesquisa no início dos anos 1950 nos EUA. Nós modestamente sustentamos que tal estrutura psicológica do líder e do agitador fascista se adequa perfeitamente a nosso aspirante a ditador.

As massas ligam-se libidinalmente a um líder que tenha ao mesmo tempo as características da força/violência e de ser um “igual a todo mundo”. É a figura do “pequeno grande homem” evocada por Adorno (2015a [1946]; 2015b [1951]), mas também identificada por Freud

Como a massa não tem dúvidas quanto ao que é verdadeiro ou falso, e tem consciência de sua enorme força, ela é, ao mesmo tempo, intolerante e crente na autoridade. Ela respeita a força, e deixa-se influenciar apenas moderadamente pela bondade, que para ela é uma espécie de fraqueza. O que ela exige de seus heróis é fortaleza, até mesmo violência. Quer ser dominada e oprimida, que temer os seus senhores. No fundo inteiramente conservadora, tem profunda aversão a todos os progressos e inovações, e ilimitada reverência pela tradição (FREUD, 2011 [1921], p. 27).

Em uma consideração que de certa forma complementa a de Freud, diz Adorno

[...] o líder somente pode ser amado se ele mesmo não amar. Por outro lado, Freud está consciente de outro aspecto da imagem do líder que aparentemente contradiz o primeiro. Embora apareça como um super-homem, o líder precisa, ao mesmo tempo, operar o milagre de aparecer como uma pessoa mediana, tal como Hitler posava como uma união de King Kong e barbeiro suburbano (ADORNO, 2015b [1951], p. 171).

Apresentando-se como um homem comum, com discurso simplista, externalizando as insatisfações dos indivíduos ao discursar contra a corrupção como suposta causa de todos os problemas da sociedade brasileira, Bolsonaro enquadra-se como indivíduo “do povo”, cuja força libidinal diferencia-se dos demais sendo capaz de representar os interesses da massa, protegendo seus membros das injustiças às quais estariam submetidos. Desde o período eleitoral, não são raras as manifestações em rede nacional que mostram o atual presidente em casa, fazendo refeições, pescando, dentre outras situações cotidianas que o aproximam dos seus seguidores. Ao mesmo tempo, frequentemente termina seus pronunciamentos com a locução “e ponto final”, tentando sugerir uma força decisória de um super-homem de subúrbio.

No que se refere à representação das insatisfações da massa, Bolsonaro logrou êxito em representar os interesses da autorreferenciada classe média, que se manifestava descontente com os governos anteriores. No Brasil, principalmente durante os governos do Partido dos Trabalhadores, houve políticas voltadas para a redistribuição de renda e inclusão, as quais possibilitaram a grupos antes marginalizados, como pretos, pobres, nordestinos e a população LGBT, a ocupação de espaços antes restritos a uma seleta parcela da população, fator que teve repercussão ao atingir os impulsos narcísicos dos membros desta suposta elite.

O descontentamento da chamada classe média com os governos do Partido dos Trabalhadores, principalmente durante o segundo mandato de Dilma Rousseff, teve grande importância para o “surgimento” da figura do agitador fascista Jair Bolsonaro, como um líder que abrigava as mesmas insatisfações, externalizando-as sem qualquer pudor, na forma de ataques às minorias. Os líderes fascistas, frequentemente chamados de histéricos (ADORNO, 2015a [1946] , p. 145), alcançam os indivíduos por manifestarem-se como porta-vozes dos descontentamentos de seus seguidores, de forma desinibida. Jair Bolsonaro, como um evidente espécime de líder fascista, frequentemente mostra-se proferindo discursos não apenas incoerentes como também destituídos de qualquer inibição.

O bolsonarismo mostra-se alinhado às ideologias fascistas, não apenas no conteúdo antidemocrático de suas disposições, como também na forma de atrair seguidores. Adorno nos lembra do seguinte em relação à propaganda dos agitadores fascistas. “Dado que seria impossível ao fascismo angariar as massas através de argumentos racionais, sua propaganda tem necessariamente que desviar de um pensamento discursivo; precisa ser orientada psicologicamente e tem que mobilizar processos irracionais, inconscientes e regressivos” (ADORNO, 2015b [1951] , p. 184). Mas não só isso; ela deve ser também insistente e repetitiva. Adorno linhas abaixo diz o seguinte:

Pode muito bem ser o segredo da propaganda fascista que ela simplesmente tome os homens pelo que eles são: verdadeiros filhos da cultura de massa padronizada de hoje, em grande parte subtraídos de sua autonomia e espontaneidade, em vez de se colocar metas cuja realização transcenderia o status quo psicológico não menos que o social. A propaganda fascista precisa apenas reproduzir a mentalidade existente para seus próprios propósitos – ela não precisa induzir uma mudança –, e a repetição compulsiva, que é uma de suas características mais importantes, irá se coordenar com a necessidade por sua reprodução contínua (ADORNO, 2015b [1951], p. 184).

Ressalte-se mais essa semelhança referente à utilização e repetição de mensagens falaciosas, muitas vezes absurdas, no processo de conquista de seguidores. Não é por acaso que com o recente ressurgimento da extrema direita no mundo observa-se a popularização do termo “Fake News”, inclusive no Brasil. Evidencia-se a semelhança um pouco assustadora com o programa de propaganda utilizado pelo nazismo, lembrando-nos da famosa frase proferida por Goebbels, “Uma mentira dita cem vezes torna-se verdade”. A repetição é marca característica da propaganda fascista.

Considerações finais

Após percorrer esse trajeto, talvez possamos responder nossa pergunta da introdução afirmando ser grande a contribuição que a psicanálise pode oferecer para a compreensão da estrutura psicológica do fascismo. Seu alto valor heurístico na interpretação dos movimentos fascistas no Brasil pós 2013. Características da psicologia de massas, as dinâmicas pulsionais e a estrutura libidinal se aplicam perfeitamente aos movimentos fascistas. Destacam-se algumas características psicológicas do tipo ideal de massa fascista: a violência em relação às minorias; a impulsividade; a credulidade em relação às notícias falsas; a negação de todo pensamento racional, da crítica, da cultura, da ciência, do pensamento; os *slogans* e a repetição das mensagens. Tais características do funcionamento das massas, descritas por Freud e referendadas por Adorno, se encontram presentes no bolsonarismo. Enfatiza-se ainda a importância que Freud atribui à figura do líder na manutenção das relações libidinais estabelecidas entre os membros da massa e desses com o próprio líder.

Embora os caracteres da massa apontados por Freud não tenham sido referidas diretamente à massa fascista, no entender de Adorno eles expressam-na perfeitamente e em parte explicam como são aceitos e defendidos objetivos políticos que são contrários aos seus interesses individuais e de classe de seus membros. Observando a coerência da leitura de Adorno sobre os agitadores fascistas americanos dos anos 1950 – levando em conta sempre as distinções históricas – nos parece também proceder nossa leitura psicossocial do Brasil atual. Não se tratou de asseverar se o Brasil da nossa atualidade é fascista ou não, mas avaliar quais as nossas inclinações, quase sempre inconscientes, ao fascismo. Não se trata de asseverar a existência ou não de um fascismo à brasileira, mas de detectar certa “mentalidade fascista”, ela sim, claramente presente entre nós. Tratou-se o fascismo não apenas como um fato histórico ou um conjunto de proposições políticas, mas como uma “forma de vida”. Tratou-se de enfrentar uma questão que as ciências sociais sempre ignoraram, desprezaram ou temeram: por que alguns sujeitos e em certas condições, deixam de agir de acordo com seus interesses materiais mesmo tendo

consciência deles? É evidente aqui um elemento autodestrutivo. Como diz Adorno

Dado que seria impossível ao fascismo angariar as massas através de argumentos racionais, sua propaganda tem necessariamente que desviar de um pensamento discursivo; precisa ser orientada psicologicamente e tem que mobilizar processos irracionais, inconscientes e regressivos (ADORNO, 2015b [1951], p. 184).

Não se encontrará um tipo ideal de fascista nem tampouco uma maioria que defenda claramente proposições políticas de cunho fascista, mas isso é necessário para que se viva uma atmosfera fascista? Quantos fascistas são necessários para que se possa falar em fascismo?

Sobre o artigo

Recebido: 19/09/2023

Aceito: 29/10/2023

Referências bibliográficas

ADORNO, T. W. Antissemitismo e Propaganda Fascista (1946). In: ADORNO, T.W. **Ensaios de psicologia social e psicanálise**. Trad. de Verlaine Freitas. São Paulo: Unesp, 2015. p. 137 - 152.

ADORNO, T. W. Teoria Freudiana e o Padrão da Propaganda Fascista (1951). In: ADORNO, T.W. **Ensaios de psicologia social e psicanálise**. Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: Unesp, 2015. p. 153 - 189.

ADORNO, T. W.; FRENKEL-BRUNSWIK, E.; LEVINSON, D. J.; SANFORD, R. N. **Estudos sobre a personalidade autoritária** (1950). São Paulo: Editora Unesp, 2019 [1950].

CATALANI, F. **Aspectos ideológicos do bolsonarismo**. Blog da Boitempo, 2018. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/10/31/aspectos-ideologicos-do-bolsonarismo/#_ftnl>. Acesso em: 20 de junho de 2021.

CORREIA, F. C. Theodor w. Adorno e a psicanálise: algumas notas sobre o agitador fascista. **Griot, Amargosa**, Bahia, v.16, n.2, p.102-114, dezembro/2017.

ENRIQUEZ, E. **Da Horda ao Estado**. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

FOUCAULT, M. **Os anormais: curso no Collège de France** (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

FOUCAULT, M. **Dits et écrits** [1976-1988]. 2 v. Paris: Quarto Gallimard, 2001b.

FREUD, S. Psicologia das Massas e análise do eu e outros textos. (1921). In: FREUD, S. Freud - **Obras completas número 15**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos. (1913). In: FREUD, S. **Freud - Obras completas número 11**. Tradução Paulo César de Souza, - 1ªEd - São Paulo;, Companhia das Letras, 2012.

KURTZ DE SOUZA, J. C. Alguns aspectos sobre o líder e a propaganda fascista na visão de Freud e Adorno. In: SOUZA, R. T. de; SANTOS, M. L. dos; NETO, P. S.; GUADAGNIN, R. (Orgs.). **Adorno e Freud: encontros contemporâneos**. 1ª ed. Porto Alegre: Fi, 2017, v. 1, p. 67-80.

MORAES, J. Q. de. Liberalismo e fascismo, convergências. **Crítica Marxista**. São Paulo: Xamã, v.1, n.8, p.11-42, 1999.